

*Louvemos o que talvez seja a mais  
nobre criação da humanidade*



# Viva o Livro!

ERNEST O. HAUSER

**Q**UE é um livro? Parte matéria, parte espírito; metade coisa, metade pensamento — de qualquer ponto de vista, desafia definições. Seu aspecto exterior, basicamente o mesmo há quase 2.000 anos, tem um desenho tão funcional quanto, digamos, o lápis ou a luva; impossível melhorá-lo. No entanto, por sua natureza, o livro é mais sublime que os objetos

comuns deste mundo. É um veículo de aprendizagem e esclarecimento, um abre-te sésamo para incontáveis alegrias e tristezas. A um simples toque, o nosso livro abre-se imediatamente e caímos num mundo silencioso — para visitar terras estranhas, descobrir tesouros ocultos, voar entre as estrelas.

Em 1971, por decisão unânime das suas 128 nações-membros, a

Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (UNESCO) designou 1972 como o primeiro Ano Internacional do Livro. O fato de terem sido mundiais as celebrações que se seguiram foi bastante apropriado, pois o livro é o produto final de uma conjugação única de esforços realizados independentemente em longínquos e variados cantos do globo. É como se toda a humanidade tivesse conspirado para criá-lo.

Os chineses deram-nos o papel. A Fenícia produziu o nosso alfabeto. Devemos a Roma o formato do livro; à Alemanha, a arte de imprimir com tipos móveis. A Inglaterra e os Estados Unidos aperfeiçoaram a produção dos livros. Hoje, quando em apenas uma hora 15.000 livros acabados saem de impressoras de alta velocidade, parece-nos difícil visualizar o mundo sem livros dos nossos antepassados, imaginar o enorme esforço que está por trás da saga do livro.

No começo, era apenas a palavra falada. Então, para confiar os seus pensamentos a um meio mais duradouro que apenas a memória, o homem começou a fazer desenhos representando coisas. Talvez a mais antiga escrita através da pintura se tenha originado há cerca de 6.000 anos, na Mesopotâmia. Suas imagens — pássaro, boi, espiga de cevada — eram rabiscadas em tabletas de barro macio, depois endurecidas em fornos para preservação.

Essa escrita, porém, era muito complicada, usada sobretudo para

documentos eclesiásticos e registros públicos. A «literatura» que houvesse — como os poemas heróicos — dependia quase completamente da tradição oral para a sua transmissão. A mente ágil dos mediterrânicos, acordando para uma nova cultura, exigia maneira melhor de captar a linguagem falada. Pouco antes do século IX a. C., os fenícios — hábeis marinheiros, comerciantes experientes e bons arquivistas — começaram a dividir os sons em seis elementos básicos, misturando as «letras» resultantes para formar palavras. Recordo-me da emoção que senti quando, vagueando entre as ruínas do porto fenício de Biblos — agora no Líbano — vi, gravada na parede de pedra do poço de um túmulo real, a inscrição rudimentar que é tida como a mais antiga escrita alfabética do mundo. Logo foi o alfabeto tomado pelos que deram forma mais conveniente às letras e acrescentaram as vogais que ainda faltavam.

Nem bem o homem aprendera a soletrar, e um novo problema se levantava. Escrever em quê? Couro, casca de árvore, folhas e tabletas de cera, nada funcionava satisfatoriamente. No Egito, durante cerca de 2.500 anos antes do ano 1, os textos eram inscritos em folhas quebradiças feitas da parte mole de uma planta aquática do Delta do Nilo, o papiro. O uso desse material espalhou-se gradualmente através do mundo mediterrânico. Geralmente, várias folhas de papiro eram coladas para formar um rolo, onde se podia

escrever um texto longo (ainda existe um rolo de mais de 40 metros de comprimento contendo uma descrição pictórica dos feitos do Faraó Ramsés III). Mas que coisa desajeitada para se ler! Enrolado numa vareta, o rolo tinha de ser seguro com a mão direita, enquanto a esquerda o desenrolava lentamente para revelar a linha de escrita seguinte. Mesmo assim, acredita-se que na biblioteca real de Alexandria — destruída no século IV a. C. por alguma catástrofe desconhecida ou ato de guerra — havia pelo menos 700.000 rolos.

Relativamente frágil, o papiro estava exposto a rivais. Na abastada Pérgamo, na costa da Ásia Menor, escribas escreviam em peles de carneiros, bodes e bezeros especialmente preparadas. Este fino e transparente material de escrita, dobrável e mais resistente que o papiro, tornou-se conhecido como pergaminho. Pouco tempo depois do ano 1, um desconhecido escriba romano que tinha a intuição do compacto pegou num monte de folhas de pergaminho, dobrou-as e juntou-as pelo dorso. Nasceu assim o livro. Seus primeiros divulgadores provavelmente foram os cristãos de Roma. Para eles, era essencial preservar as Escrituras de maneira duradoura — e o pergaminho não se desfazia quando manuseado. Além disso, quando se queria procurar uma referência, capítulo e versículo, um livro era muito mais prático que um rolo.

Assim sucedeu que, através de

toda a Idade Média européia, um exército de monges dedicados, escondidos atrás das paredes dos conventos, copiaram à mão, em resistentes folhas de pergaminho, os esfrangalhados escritos do passado. Sem o seu esforço, as glórias literárias da antiga Grécia e de Roma, juntamente com textos fundamentais que formaram a fé cristã, podiam ter-se perdido para sempre. Frequentemente, levavam-se anos copiando um alentado volume, e muitos monges, de olhos fatigados, antes de guardar a sua pena de ganso, escreviam na página final: «Graças a Deus, acabei!»

Enquanto isto, na China longínqua, conta a tradição que um senhor chamado Ts'ai Lun, irritado com o desperdício de sedas caras como material de escrita, levou ao conhecimento do imperador Ho-ti que uma substância muito mais barata podia ser obtida amassando trapos, casca de árvore e velhas redes de pescar, retirando folhas finas dessa polpa e pondo-as a secar. Assim, no ano 105 d.C., o papel entra na nossa história — para ficar durante seis séculos como um segredo oriental ciosamente guardado. Foi somente quando alguns papeleiros chineses foram capturados por piratas árabes que a maravilha branca, maleável e resistente tomou o mundo de assalto.

Novo passo à frente ocorreu no mundo ocidental. Em 1439, um obstinado e decidido artesão alemão, Johann Gutenberg, começou a fazer experiências com um substituto da

PHENICIAN			
aleph	Α	kaph	Ϙ
beth	Β	lamed	ϙ
gimel	Γ	mem	Ϛ
daleth	Δ	nun	ϛ
he	Ε	samedh	Ϝ
zayin	Ζ	ayin	ϝ
cheth	Η	pe	Ϟ
teth	Θ	resh	ϟ
yod	Ι	shin	Ϡ
	Κ	tau	ϡ

### Alfabeto fenício

escrita manual. Se conseguisse fundir as letras do alfabeto em tipos de metal que fossem usáveis mais de uma vez e se

pudesse arrumá-los em palavras de trás para diante, em linhas e colunas, numa superfície plana — uma impressão tomada a partir dessa chapa formaria uma página. Em vez de um livro escrito à mão, ele poderia tirar na sua prensa quantos livros quisesse.

Laboriosamente, Gutenberg arrumou as primeiras chapas de páginas, cada uma composta de mais de 3.700 sinais e letras. Com a ajuda de uma prensa manual de madeira, que ele havia adaptado das prensas de vinho da sua nativa Renânia (e que permaneceu os seguintes 350 anos sem modificações), começou a imprimir numa oficina alugada em Mogúncia. Levou três anos para produzir 190 exemplares da *Bíblia de Gutenberg*, de 1455.

Com a admirável invenção de Gutenberg, os preços dos livros baixaram em 80 % do dia para a noite, e aprender a ler passou a valer a pena. Apenas meio século depois do feito de Gutenberg, todos os mais importantes países da Europa, exceto a Rússia, imprimiam os seus próprios livros. Era como se as comportas se tivessem aberto. Cerca de 520.000 títulos foram publicados no século XVI,

1.250.000 no século XVII, 2 milhões no século XVIII, e 8 milhões no século XIX. Hoje, publicam-se mais de 500.000 títulos por ano, num total de 7 bilhões de livros.

Não obstante, há quem preveja o desaparecimento do hábito da leitura. O professor canadense Marshall McLuhan, por exemplo, afirmou que os meios de comunicação de massa — filmes, rádio, televisão — envolvem-nos mais completamente e, portanto, comunicam-nos a sua mensagem mais diretamente que o familiar alinhamento de letras negras na página impressa.

Seja como for, o livro tem demonstrado grande espírito de luta em face destas novas ameaças. Brochuras são consumidas tão logo aparecem nas prateleiras das livrarias.

Os pensamentos e sonhos do homem, sua sabedoria e suas aspirações, estão guardados em livros — uma riqueza que pode ser desfrutada por quem o desejar. Desde as primeiras e vacilantes escritas por imagens até às super-rápidas máquinas *off-set*, o livro percorreu um caminho longo e árduo, impulsionado pelo gênio e a persistência de muitos indivíduos e nações. Realmente, a humanidade inteira tem razão de se orgulhar do livro, que mostra aquilo que há de melhor em nós. Viva o livro!

A prensa de Gutenberg

